



**A07.060 REDE SOCIAL DE PORTADORES DE ESQUIZOFRENIA SEGUIDOS EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL NA COMUNIDADE**

**Autores** Guilherme Correa Barbosa (Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP) ; Vânia Moreno (Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP) ; Márcia Aparecida Ferreira de Oliveira (Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP) ; Sueli Aparecida Frari Galera (Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP)

**Resumo / Resume**

**Introdução:** A rede social pode ser definida através da metáfora de uma teia onde os pontos são conectados por fios formando nódulos. Vista desta maneira, quando se realiza um estudo sobre rede, é possível mapear as relações entre pessoas e grupos. O objetivo desta investigação foi descrever a rede social de portadores de transtorno mental de um ambulatório de saúde mental de um município de pequeno porte no interior do estado de São Paulo. **Método:** Foi realizada uma pesquisa descritiva. Foram entrevistados 41 portadores de esquizofrenia que são atendidos no serviço de saúde mental. Como instrumentos de coleta utilizou-se um questionário sobre dados sócio-demográficos e do tratamento dos portadores, genograma e ecomapa. Para a análise os dados o tratamento foi estatístico. **Resultados:** Dos 41 portadores, 31 eram homens (75%) e dez eram mulheres (24%). A idade variou de 19 a 66 anos, tendo uma média de idade de 37 anos. A maioria era solteiros (66%), 19% casados/amasiados e 15% separados. Com relação à atividade laborativa 73% dos pacientes não trabalham, e dos 27% que trabalham somente um possui carteira assinada. Dentre os 73% que não trabalham 19% estão afastados de seu trabalho em decorrência de sua doença, 17% são aposentados por invalidez e 37% negaram ter alguma fonte de renda. O trabalho é um dos nós capaz de agregar as pessoas possibilitando o desempenho de habilidades e de competências interpessoais e sociais. Sem atividade laborativa, as pessoas não conseguem prover suas necessidades básicas, perdem a autoestima, desfragmentando sua rede social. Quanto às relações familiares, 95% apontam que a família é a sua rede social mais forte e a responsável pelo seu cuidado. Sendo que 12% dos pacientes moram sozinhos no fundo da casa de um familiar, 19% moram com os pais e irmãos, 15% com o cônjuge e filhos, 12% com pais, irmãos e sobrinho. Quanto à qualidade dos relacionamentos entre os membros da família e o portador 37% dos pacientes relataram ter um forte vínculo com a mãe, 12% relataram ter com o filho, 10% com o irmão. Em relação ao relacionamento com o seu território foram identificados dezesseis locais que são considerados pelos portadores como sua rede social: igreja (39%), mercado/supermercado (32%), bar/lanchonete/restaurante (27%), trabalhos/bicos (27%), escola/curso (20%), rua (17%), banco (10%), padaria (10%), feira (7%), posto de saúde (7%), praça (5%), banca de jornal (3%), biblioteca municipal (3%), depósito de bebidas (3%), posto de gasolina (3%), pronto socorro municipal (3). Apesar dos portadores referirem serviços de saúde como parte de sua rede social, não incluíram o ambulatório de saúde mental, este dado aponta para a fragilidade de um serviço que mantém como fundamento de sua assistência a consulta médica mensal. **Conclusão:** O território é lugar de vida do portador de transtorno mental sendo produtor de relações que podem ser identitárias como de diferença, onde têm lugar para o conflito e sua negociação.

**Palavras-chave / Keyword:** Rede social; Vulnerabilidade; Saúde mental